



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA**

A Representação Literária da Escravidão através do Olhar Feminino em "Água de Barrela", de Eliana Alves Cruz

LORENA SILVA MENDES

**BRASÍLIA
2024**

LORENA SILVA MENDES

A Representação Literária da Escravidão através do Olhar Feminino em "Água de Barrela", de Eliana Alves Cruz

Monografia apresentada ao Instituto de Letras da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Letras – Língua Portuguesa e respectiva Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Danglei de Castro Pereira

Brasília/DF
2024

CIP - Catalogação na Publicação

MM538r MENDES, LORENA SILVA .
A Representação Literária da Escravidão através do Olhar Feminino em "Água de Barrela", de Eliana Alves Cruz / LORENA SILVA MENDES; orientador Danglei de Castro Pereira.
-- Brasília, 2024.
32 p.

Monografia (Graduação - Letras - Língua Portuguesa e respectiva Literatura) -- Universidade de Brasília, 2024.

1. Literatura Contemporânea Brasileira. 2. Literatura afro-brasileira. 3. Representação literária. 4. Feminismo negro. 5. Resistência. I. Pereira, Danglei de Castro , orient. II. Título.

LORENA SILVA MENDES

A Representação Literária da Escravidão através do Olhar Feminino em "Água de Barrela", de Eliana Alves Cruz

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Danglei de Castro Pereira (Presidente)
Universidade de Brasília/UnB

Brasília/DF, agosto de 2024.

Dedico este trabalho a todos os professores que semearam o meu caminho durante estes longos vinte e tantos anos de trajetória escolar e acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Ao meu amado, Eldo, pois sem ele não tenho os pilares de sustentação necessários para permanecer.

Ao meu gato Duga, que me fez companhia no processo de escrita desta monografia.

Aos amigos e colegas de instituição, que me orientaram nas tantas dúvidas e questionamentos diante dessa fase que nos exige muita paciência e sabedoria.

Aos meus amigos da vida, pelo apoio, considerações, ponderações e revisões.

“A educação como prática da liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender”.

(bell hooks)

MENDES, Lorena Silva. *A Representação Literária da Escravidão através do Olhar Feminino em "Água de Barrela", de Eliana Alves Cruz*. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso em Letras - Universidade de Brasília, Brasília, 2024.

RESUMO

Este estudo aprofunda a análise da representação da escravidão e da resistência de mulheres negras em "Água de Barrela", de Eliana Alves Cruz. A obra acompanha seis gerações de uma família afro-brasileira, desde a África até o início do século XX, revelando as complexidades da experiência da escravidão e suas reverberações na sociedade brasileira. Através de uma abordagem descritiva e qualitativa, a pesquisa explora como a autora constrói a feminilidade negra, as formas de resistência e as intersecções entre gênero, raça e poder. Será analisada a relação entre o título, a representação da escravidão e das personagens femininas, contribuindo para um entendimento mais profundo da experiência negra feminina na literatura brasileira. O objetivo é compreender como a obra de Cruz, retratando a trajetória de uma família afro-brasileira, traz a resistência de mulheres negras numa sociedade desigual e racista.

Palavras-chave: Água de Barrela. Representação literária. Resistência. Educação. Feminismo negro.

MENDES, Lorena Silva. *A Representação Literária da Escravidão através do Olhar Feminino em "Água de Barrela", de Eliana Alves Cruz*. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso em Letras - Universidade de Brasília, Brasília, 2024.

ABSTRACT

This study delves deeper into the analysis of the representation of slavery and the resistance of Black women in "Água de Barrela" by Eliana Alves Cruz. The work follows six generations of an Afro-Brazilian family, from Africa to the early 20th century, revealing the complexities of the experience of slavery and its repercussions on Brazilian society. Through a descriptive and qualitative approach, this research explores how the author constructs Black femininity, forms of resistance, and the intersections between gender, race, and power. The relationship between the title, the representation of slavery, and the female characters will be analyzed, contributing to a deeper understanding of the Black female experience in Brazilian literature. The objective is to understand how Cruz's work, by portraying the trajectory of an Afro-Brazilian family, highlights the resistance of Black women in an unequal and racist society.

Keywords: Água de Barrela. Literary representation. Resistance. Education. Black feminism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
ELIANA ALVES CRUZ E "ÁGUA DE BARRELA"	13
PERSPECTIVAS FEMININAS NA LITERATURA BRASILEIRA.....	15
REPRESENTAÇÃO DA ESCRAVIDÃO ATRAVÉS DO OLHAR FEMININO	17
AS MULHERES DA ÁGUA DE BARRELA	21
A RESISTÊNCIA AO SISTEMA.....	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS.....	31

INTRODUÇÃO

"Água de Barrela" é um romance escrito por Eliana Alves Cruz, jornalista, e publicado em 2016 pela Editora Malê. A narrativa segue a trajetória de seis gerações de uma família africana que chegou ao Brasil durante a era da escravidão, destacando os impactos do racismo em suas vidas. O livro também explora temas como memória, ancestralidade, espiritualidade, religiosidade, questões de classe e, especialmente, as intersecções entre raça e gênero.

Em relação à estrutura do livro, ele é dividido em dois grandes blocos: "Martha e Adônis" e "Damiana e João Paulo", com esses personagens fundamentando a narrativa. O primeiro bloco se subdivide em quatro partes, desde uma breve introdução sobre as origens africanas até chegar a Martha e Adônis, enquanto o segundo bloco narra o momento crucial na história da família, culminando em uma seção final da autora intitulada "Sobre como este livro aconteceu".

Além de sua estrutura complexa, "Água de Barrela" pode ser classificado como um romance histórico e biográfico, mesclando elementos fictícios com momentos reais da história brasileira, especialmente nas cidades do Rio de Janeiro, Salvador e Cachoeira, na Bahia. O livro recebeu o Prêmio Oliveira Silveira da Fundação Palmares em 2015, "conforme critérios como criatividade, comunicabilidade e originalidade" (Brasília, 2015).

A pesquisa em questão busca aprofundar a análise da representação literária da escravidão através do olhar feminino em "Água de Barrela", questionando como a autora constrói a feminilidade por meio das diversas vozes femininas presentes, explorando temas como resistência, identidade e poder, e mostrando as experiências, desafios e aspirações das personagens em uma sociedade marcada por racismo e desigualdades. O objetivo é investigar como essa perspectiva influencia a caracterização das personagens femininas durante o período da escravidão do texto. Isso envolve uma análise conceitual do tema, explorando a representação da escravidão na obra, bem como as nuances da representação literária do feminino e as diferentes abordagens do feminismo branco e negro presentes na narrativa.

Também será analisada a relação entre o título da obra, a representação da escravidão e das personagens femininas, contribuindo para um entendimento mais profundo das intersecções entre gênero, raça e poder na literatura brasileira. Para

tanto, será adotada uma abordagem descritiva, utilizando fontes tanto primárias (o próprio livro) quanto secundárias (diversos artigos, ensaios, entrevistas e monografias), e os dados serão tratados qualitativamente, permitindo uma análise mais aprofundada da representação literária da escravidão por via do olhar feminino.

ELIANA ALVES CRUZ E "ÁGUA DE BARRELA"

Ganhadora do prêmio Jabuti de 2022 com o conto “A vestida”, Eliana Alvez Cruz é colecionadora de premiações e escritos, tendo os seguintes publicados: Água de Barrela (2016); O crime do cais do Valongo (2018); A copa frondosa da árvore (2019); Nada digo de ti, que em ti não veja (2020); A vestida (2021); Solitária (2022); O desenho do mundo (2022). Além desses, participou de antologias, como: Concurso Nacional de Contos Ciclo Contínuo 2017: antologia (2018); Do Índico e do Atlântico: contos brasileiros e moçambicanos (2019); Perdidas, histórias para crianças que não tem vez (2019); Conta forte conta alto, contos baseados em canções do Martinho da Vila (2019); Olhos de azeviche: contos e crônicas (2020) (LiterAfro, 2022). É formada em jornalismo e durante muitos anos trabalhou no setor dos esportes no Rio de Janeiro, onde é nascida. Já escreveu para o Cadernos Negros, revista do grupo Quilombhoje, que publica desde 1978 escritos de autores negros, desde poemas, conto até ensaios, tendo "como proposta incentivar o hábito da leitura e promover a difusão de conhecimentos e informações, bem como desenvolver e incentivar estudos, pesquisas e diagnósticos sobre literatura e cultura negra" (QuilombHoje, [20-?]). Atualmente está à frente do programa “Trilhas de Letras” da Tv Brasil (Brasil, 2023).

Em entrevista, Eliana afirma que dedicou cinco anos para a escrita de “Água de Barrela” (Livraria, 2018), e boa parte de suas obras trazem temas semelhantes ao do livro, como: racialidade, cultura afro-brasileira, ancestralidade e memória. Tal obra foi escrita em 2015, sendo premiada em Brasília com o Prêmio Oliveira Silveira da Fundação Palmares, “conforme critérios como criatividade, comunicabilidade e originalidade” (Brasília, 2015) e relançada em 2018 pela editora Malê. Na narrativa, é traçada a trajetória da família de Damiana — os percalços; os longos e terríveis anos de escravidão no Brasil e as consequências dela; o triunfar das seis gerações após a incansável labuta na propriamente água de barrela –, até chegar a seu aniversário de 100 anos: “Era o dia 27 de setembro de 1988. Cem anos antes, nascia Damiana, na cidade de Cachoeira, no Recôncavo Baiano. Quatro meses e quatorze dias após a promulgação da Lei Áurea” (Cruz, 2018, p. 16). Este romance é classificado como romance histórico por transcorrer entre a transição das formas de governo – do Império para a República – e perpassar por tantos momentos históricos ocorridos no Brasil durante os cem anos vividos pela família.

O livro está estruturado em duas partes principais: "Martha e Adônis" e "Damiana e João Paulo", sendo essas personagens os pilares da narrativa. A seção "Martha e Adônis" é subdividida em quatro partes adicionais, que estabelecem a base da história, iniciando com uma breve introdução, seguida pela jornada desde o sequestro dos personagens Akin e Ewà da África, estando no topo da árvore genealógica até alcançar Martha e Adônis. Na parte "Damiana e João Paulo", é narrada a virada crucial na história da família, e encerra-se com um relato da própria autora intitulado "Sobre Como Este Livro Aconteceu".

A água de barrela que nomeia a narrativa é “aquela água com cinzas de madeira que se colocava na rouparia para branqueá-la” (Cruz, 2018, p. 27), ou seja, um alvejante caseiro usado nas lavagens da rouparia das casas de engenho durante o período colonial. Sintetiza alegoricamente o processo de escravização no Brasil, abordando a objetificação e exploração do corpo feminino negro com profundas marcas de opressão, estereótipos, subjugação e sexualização que o corpo feminino negro carrega, além de discorrer sobre o projeto nacional de embranquecimento da população e a construção do mito da democracia racial.

Nesse contexto, destaca-se também a divisão racial do trabalho, que persiste até os dias de hoje, resultando na marginalização da população negra brasileira (Literanegra, 2022). Em “‘A carne mais barata do mercado é a pele negra’: construção, representatividade e imobilização do corpo feminino em *Água de Barrela*, de Eliana Alves Cruz” (2023, p. 27-41), Matos Silva destaca como o corpo da mulher negra era controlado e explorado pelo colonizador branco de diversas formas, seja pelo trabalho braçal, seja pela exploração sexual, durante o período escravocrata brasileiro. A autora cita Anolina, que na obra é apresentada como exemplo dessa visão objetificadora do corpo feminino, refletindo a lógica mercantilista da escravidão.

Através da trajetória das mulheres negras trazidas da África até o Brasil, Eliana Alves Cruz evidencia a submissão desses corpos à força de trabalho, tortura, servidão e miséria, revelando as marcas de objetificação e exploração presentes na narrativa (Matos Silva, 2023).

PERSPECTIVAS FEMININAS NA LITERATURA BRASILEIRA

O período do Romantismo na literatura brasileira, que se desenvolveu a partir de meados do século XIX, foi marcado pela busca de uma identidade nacional e pela valorização de temas como o amor, a natureza e o heroísmo. Embora este período tenha sido dominado por vozes masculinas, algumas autoras se destacaram, trazendo perspectivas femininas e contribuindo significativamente para a literatura da época. Uma delas é Maria Firmina dos Reis. Ela é uma figura pioneira e fundamental na literatura brasileira, sendo a primeira romancista negra do Brasil. Seu romance "Úrsula" (1859) é uma obra importante que aborda a escravidão e a marginalização da mulher (Meurer, 2023).

Na ficção de Firmina, as observações sobre o poder em uma sociedade sexista revelam a barbárie e a espoliação enfrentadas por negros e mulheres. Sua escrita, portanto, representa uma voz de resistência feminina, ajudando os leitores a identificar tensões sociais na literatura nacional do século XIX. Ao focalizar o negro e suas relações étnicas e sociais, sua narrativa ultrapassa o tom de resignação e apatia, adotando uma abordagem sutil e irônica à cultura do outro (Bernardes, 2020).

A existência de uma autora como Firmina – mulher, negra e educada – desafia a representação feminina típica na literatura brasileira daquele período, tratando de temas centrais do feminismo antes mesmo de haver um movimento e da humanização das pessoas pretas num período de animalização dessas (Pereira, 2018).

O feminismo, como um movimento coletivo de luta por direitos das mulheres, só se consolidou na segunda metade do século XX, surgindo a partir do reconhecimento de que as mulheres são sistematicamente oprimidas e que as relações de poder entre homens e mulheres não são naturais, mas podem ser transformadas politicamente. A luta por direitos feministas emerge da disparidade entre os princípios de igualdade universal e a realidade da desigualdade de poder entre os gêneros, fundamentando-se nas teorias de direitos humanos originadas das revoluções americana e francesa (Fraisse, 1992, apud Hirata, Laborie, Doaré e Senotier, p. 144, 2009).

Falar em "movimentos feministas" permite agrupar diferentes formas de ativismo feminino, incluindo o feminismo liberal, radical, marxista, socialista, lésbico, negro, entre outros. O feminismo negro adota uma linha de pesquisa que utiliza uma

abordagem interseccional, considerando as dimensões de dominação sexual, de classe e de raça, que se entrelaçam nas formas de opressão e hierarquização racial, influenciando também a formação de identidades coletivas de afirmação, e nessa perspectiva de estudo, a mulher negra ocupa uma posição central. O termo interseccionalidade foi cunhado por Kimberlé Crenshaw em 1989 (Rios e Lima, 2020).

REPRESENTAÇÃO DA ESCRAVIDÃO ATRAVÉS DO OLHAR FEMININO

Domício Proença Filho (2004) distingue a literatura brasileira em duas vertentes: a literatura SOBRE o negro e a literatura DO negro: uma tratando o negro como objeto e a outra como sujeito, alterado a partir da perspectiva de quem escreve.

A presença do negro na literatura brasileira ao longo dos séculos reflete a evolução das percepções e representações sociais. Inicialmente, o negro era frequentemente retratado de forma marcada e marginalizada, reforçando ideologias e estereótipos da estética branca dominante. Essa representação pode ser observada desde o século XVII, em textos como os versos satíricos de Gregório de Matos. Proença Filho (2004) classificou esses estereótipos em várias categorias. Um exemplo é o "escravo nobre", encontrado em obras como "Escrava Isaura" (1872) de Bernardo Guimarães e "O Mulato" (1881) de Aluísio de Azevedo. Outros estereótipos na literatura brasileira incluem o negro infantilizado, o escravo demônio, o negro pervertido e o negro inferiorizado, tantos retratados de forma animalesca.

Contudo, ao longo do tempo, houve uma mudança gradual em direção a uma visão mais comprometida, na qual o negro passou a ser retratado como sujeito de sua própria narrativa, com uma atitude mais assertiva em relação à sua identidade e cultura. No século XIX, autores como Luís Gama e Lima Barreto foram pioneiros nessa abordagem, trazendo à tona questões de amor, identidade e resistência. Com isso, a literatura do negro tornou-se uma forma de expressão e resistência, contribuindo para a construção de uma identidade cultural mais diversa e inclusiva na literatura brasileira.

Proença Filho classifica também o "negro vítima", presente no poema "O Navio Negroiro" de Castro Alves, onde, apesar do empenho consciente do poeta, ele não consegue se desvencilhar das marcas de uma formação cultural escravista (Proença Filho, 2004, p. 4). Em "Água de Barrela" o autor é utilizado como recurso didático pela personagem Damiana para conscientizar seu neto Eloá quanto a importância da autonomia dos estudos e pela busca de conhecimento, e distancia-se, assim, de vez desse estereótipo de objeto e o torna enfim sujeito.

De acordo com Duarte (2009), a diáspora africana teve um impacto profundo na construção da identidade das mulheres negras na literatura brasileira. A presença da cultura africana e a experiência da escravidão foram elementos centrais na

formação da identidade dessas mulheres e na forma como foram retratadas na literatura; trouxe consigo não apenas a dor e o sofrimento da escravidão, mas também uma rica herança cultural, com tradições, mitos e narrativas transmitidos ao longo das gerações. Em "Água de Barrela", a resistência afrodescendente à escravidão é percebida em diversos aspectos, tais como a conservação e perpetuação das tradições religiosas dos povos iorubás e das práticas fitoterápicas utilizadas pelos escravizados; da construção do enredo das personagens mesclando temas historicamente conhecidos às suas respectivas jornadas; e principalmente a emancipação das mulheres negras por meio do trabalho.

Tratando das tradições religiosas e fitoterápicas, estas eram principalmente perpetuadas por Umbelina, personagem que mantinha vivas as tradições e práticas espirituais e ensinando àqueles que foram recentemente trazidos ao Brasil. A autora assim mostra como a fé e a religiosidade foram fundamentais para a sobrevivência emocional e espiritual da família Sangokunle.

A família leva este nome por serem oriundos de "Iseyin, pequena região do reino de Oió, no oeste africano" (Cruz, 2018, p.30), onde atualmente está a região da Nigéria e de acordo com a mitologia, sendo então "Xangocunlé", "sou de" Xangô. Ele fora o quarto rei e foi divinizado após sua morte, tornando-se a divindade mais venerada da cidade, um orixá do Candomblé, religião que surgiria com a sua vinda ao Brasil (Prandi; Vallado, 2022).

A autora mescla fatos à narrativa, tratando, por exemplo, da guerra santa factualmente ocorrida entre os iorubás e os malês, que:

do longo conflito resultou a tomada de prisioneiros de ambos os lados da batalha, que eram vendidos aos traficantes de escravos, embarcados nos navios negreiros para o Brasil (Ribeiro, 2014, p. 190).

E antes de serem raptados, já em 1840, o tráfico de escravos já era ilegal (Cruz, 2018, p. 30). Citando então a lei Bill Aberdeen, a lei "para inglês ver", o que tornava a situação irônica é que os ingleses eram os principais exportadores de açúcar do Brasil, que impreterivelmente precisava de mão de obra escrava (Abdullah, p. 3, 2023).

Ainda consonante a Proença Filho (2004), demais elementos culturais influenciaram a maneira como mulheres pretas se viam e eram vistas na sociedade brasileira, principalmente a literatura, refletindo nas representações literárias dessas personagens. Na literatura brasileira, elas muitas vezes foram retratadas como figuras

exóticas, sensuais e submissas. Porém, ainda que permeadas pela marginalização decorrente da escravidão, as personagens da obra em questão dissolvem essas marcas por meio da construção de suas características complexas e não-maniqueístas, pois são resolutas, resilientes, possuem anseios, certezas, sabedoria ancestral e religiosidade, são agentes nas decisões de âmbito individual – como ao buscarem, dentro das possibilidades existentes, melhorarem de vida; tanto como no âmbito social – ao participarem ativamente nas revoluções e discussões políticas abolicionistas. Em resumo, sendo sujeitos, assim como definiu Proença Filho (2004).

Além disso, a representação da escravidão é dada sob um olhar feminino, o da narradora, portanto, centraliza as mulheres negras da narrativa. A autora aborda a escravidão destacando como essa experiência afetou principalmente as personagens femininas, mostrando suas lutas, resistências e resiliências em meio à barbárie. Outro aspecto importante da história destas mulheres dentro do livro, é a forma como utilizam da sua força de trabalho para buscarem sua emancipação, e a cada geração, dirimir a exploração de seus corpos, principalmente no ciclo da exploração doméstica. A forma como alcançam isso é por meio da educação formal, sendo culminada com o primeiro homem após cinco gerações de mulheres tornando-se juiz. Nesse aspecto, é possível também analisar questões de gênero envolvidas nessa ascensão social da família. Afinal, foram longos anos de labuta feminina, mas apenas na vinda do primeiro homem é que ocorreu a ascensão social da família a um patamar além do que permaneciam.

Seguinte Gonzales (2020), “[...] na medida em que existe uma divisão racial e sexual do trabalho, não é difícil concluir sobre o processo de tríplice discriminação sofrido pela mulher negra (enquanto raça, classe e sexo), assim como sobre seu lugar na força de trabalho” (p. 48), nesse contexto, as "mulheres da água de barrela" não tinham alternativa senão o trabalho, como única forma de garantir a sobrevivência, pois estavam subjugadas ao fardo da segregação racial, de gênero e classe social. Mesmo buscando a educação como ferramenta de emancipação, o trabalho era a única via possível para elas, e foi através dele que seu neto Eloá pôde estudar Direito e se tornar juiz.

Conforme Santos (2021), essa perspectiva presente na obra é uma "ruptura" e "representatividade", caracterizada pela quebra do silêncio do sistema literário em relação ao pensamento negro feminino e pela transgressão dos pressupostos

epistemológicos pré-estabelecidos. Isso traz voz às mulheres negras da obra, tornando-as protagonistas e autônomas em suas escolhas, evidenciando "força, resistência e afirmação" e uma "subjetividade coletiva diaspórica". Essa última ideia sugere que a literatura de autoria feminina negra parte de uma subjetividade individual, mas abarca uma subjetividade coletiva diaspórica, como exemplificado pela autora que, ao final da narrativa, se identifica como descendente da família representada.

A obra aborda também os diversos tipos de violência enfrentados pelas personagens, incluindo violência física, patrimonial, simbólica, sexual, racial e de gênero. Expondo a crueldade do sistema escravagista e a vulnerabilidade das personagens diante de seus opressores. A violência patrimonial é retratada pela apropriação dos bens e do trabalho das personagens, enquanto a violência simbólica é evidenciada pela desumanização e pelos estereótipos negativos impostos às mulheres negras. E tais formas de violência perpetuaram a subjugação e a marginalização das personagens. A violência sexual é um tema recorrente na obra, mostrando como as mulheres negras eram frequentemente vítimas de estupros e abusos por parte de seus senhores e feitores, as dinâmicas de poder de gênero dentro do sistema escravagista, exacerbava as desigualdades de gênero e a opressão das mulheres negras.

Outra característica explorada na narrativa que demonstra o olhar da narradora é o contraste entre figuras revolucionárias e abolicionistas através de personagens como Firmino, Roberto e Adônis. Esses personagens representam diferentes abordagens na luta contra a escravidão, desde a resistência ativa e revoltas até as iniciativas abolicionistas mais organizadas e políticas.

AS MULHERES DA ÁGUA DE BARRELA

As mulheres presentes na narrativa de "Água de Barrela" são muitas, todas buscando um caminho para sobreviver em meio à barbárie. A primeira apresentada é Ewa Oluwa, sequestrada de sua terra natal na África, já carregava em seu ventre Anolina. Apesar da doçura que a acompanhava, a brutalidade e a desumanização silenciaram sua identidade e existência. Ao chegar à casa de engenho, fora acolhida por Umbelina e Dasdô, que também falavam sua língua, mas eram impedidas de se comunicarem livremente, Ewa é obrigada a aprender português e teve seu nome trocado para Helena, em um cruel processo de apagamento de sua história. Sua morte no parto de Anolina foi a primeira e única vez que sorriu feliz desde a vinda ao Brasil, marcando assim o início da trajetória da família, que por cinco gerações, apenas de mulheres.

Anolina, a primeira da geração brasileira, destacou-se por seu capricho e talento na cozinha, a ponto de causar inveja a outras mulheres como Celina, que também trabalhava na cozinha, e até mesmo a Carolina Tosta, a dona da casa. Com tamanha vocação, foi a primeira a conseguir recompensa financeira pela excelência do trabalho:

A imperatriz, dona Tereza Cristina, retirou algumas moedas da quantia que levaram para dar em esmolas e doações para as igrejas do lugar, e assim deu 'um agrado' aos da cozinha, que foi levado por um dos assessores da comitiva. E assim Anolina começou uma poupança que garantiria o recomeço de vida para sua filha e neta após a sua morte (Cruz, 2018, p. 80).

Não sendo suficiente para poupá-la do sofrimento com a objetificação e violência, e era tida como "brinquedo humano" de Francisco Tosta, o que amargurou sua personalidade:

[...] Vestiu a bata e a saia e saiu correndo para se atirar no rio. Queria se limpar. Misturou as lágrimas salgadas com a água doce. A dor foi lentamente dando passagem a uma raiva diferente, um sentimento novo que ela nunca experimentara. [...] A partir daquele dia, Anolina mudou. Ficou muito mais séria e um tanto irritadiça (Cruz, 2018, p. 103-104).

Tornou-se mãe de Martha, nascida no período da Lei do Ventre Livre, mas durante muitos anos, permaneceu nos serviços domésticos da casa grande até que conseguisse ir para Salvador, onde queria viver a cidade com toda a beleza e oportunidades que enxergava ali, mas, ao contrário de seu companheiro Adônis, centrado, que queria permanecer no interior da Bahia.

Anolina e Martha eram personagens que gravitavam naquele planeta feito do solo preto de massapê, açúcar, cana, fumo, engenhos, religião, lutas e ressentimentos antigos. Uma mistura bem separada, se é que isso é possível. Viviam na tensa linha que deixava de um lado o universo de quem manda, e de outro o de quem era mandado. Tudo tinha sido muito claro até pouco tempo atrás, mas não naquele momento em que os negros estavam livres e ninguém mais sabia quem era quem (Cruz, 2018, p. 124)

Martha era muito vaidosa e extrovertida, emancipou-se da instituição matrimonial comum, e, portanto, não dependeria financeiramente ou emocionalmente de um homem; o esposo Adônis não a acompanhava nas mesmas ambições, tendo outros objetivos para melhorar de vida, como o de ser libertado por meios legais, afinal era abolicionista e participava ativamente das reuniões. Foi mãe muito nova, sendo suas filhas Damiana e Maria da Glória (Dodô):

Enquanto a filha sofria banhada em suor, Anolina se preocupava e pensava que ela era ainda muito nova... Tinha apenas 13 anos. Faria 14 em dois meses. Para ela, a Martha teve a sorte de nascer depois da tal lei que deixava livres os bebês, os 'ingênuos' (Cruz, 2018, p. 130).

Tal sorte entendida por Anolina foi norteadora no destino dessa família, afinal, foi Martha a primeira se “emancipar” dos serviços domésticos na casa grande, vendendo doces e “[...] tudo que podia e onde encontrasse espaço. Uma comerciante nata” (Cruz, 2018, p. 171), de forma autônoma e independente nas ruas de Salvador, ocasionando a mobilidade da família da zona rural para a zona urbana. Além disso, compreendeu que a educação formal traria melhores condições de vida para as filhas, mesmo contra a vontade de Adônis:

[...] há tempos tentava encontrar uma forma de ir além, de dar mais instrução e aumentar suas chances naquele mundo em que estavam, em tanta desvantagem. Não queria que tivessem de enfrentar o que ela enfrentava nas ruas. Tampouco queria que ficassem como o pai, que considerava acomodado naquela terra (Cruz, 2018, p. 194).

Apesar de terem sido alfabetizadas pelo pai, Damiana foi a única das filhas de Martha que frequentou a escola, pois a vaga arranjada no educandário de freiras, foi trocada pelo trabalho de Maria da Glória (Dodô), a caçula: “Veja bem, Martha, o cativeiro acabou. Os tempos são outros. Ela será apenas uma ajudante e receberá por isso – disse Iaiá Bandeira, para desconfiança de Martha” (Cruz, 2018, p. 186). E a remuneração prometida não ocorreu, afinal, mesmo nascida após a abolição, Dodô continuou sendo explorada na casa de Iaiá Bandeira e de Coronel Francisco, trabalhando sem qualquer garantia de recompensa e ainda sem o direito de ver a família.

Ainda hoje existem muitas Marias da Glória, evidenciado por tantas reportagens quase que anualmente sobre resgate de empregadas domésticas em casas de família submetidas a trabalho em condições inumanas e análogas à escravidão, cerceadas de liberdade, remuneração e direitos. Em 2022, essa situação ganhou destaque com a popularização da história narrada no podcast “A Mulher da Casa Abandonada”, em que o jornalista Chico Felitti narra a história de uma mulher que fora condenada pelo crime de trabalho análogo à escravidão de uma empregada doméstica “herdada” pela família (Casa abandonada em Higienópolis: entenda o caso da mulher que vive em mansão de SP, 2022). A repercussão da história gerou um aumento considerável nas denúncias de situações de trabalho análogas à escravidão (Bettoni, 2022). Dodô, por sua vez, não teve oportunidade de estudar, nem de se casar, nem de existir para além das tarefas domésticas. Faleceu de tanto trabalhar: “A causa mortis não escrita de Maria da Glória foi trabalho forçado” (Cruz, 2018, p. 293).

Damiana foi marco para a geração vindoura da família, tanto que o livro começa com a comemoração de seus cem anos. Os percalços vividos pela personagem incluem o casamento complicado com João Paulo. Este era adúltero e impetuoso, em alguma parte dentro dela, ela soube que não seria fácil: “Talvez um sexto sentido lhe dissesse que nunca, jamais, em tempo algum, deveria depender dos homens. Sua bisavó, sua avó e sua mãe não dependeram” (Cruz, 2018, p. 222). Teve com ele duas filhas, Celina e Anolina.

Os estudos para ela foram em parte libertadores, principalmente no pensamento crítico e gerando ímpeto de mudanças, mas não a livraram dos serviços domésticos, afinal, padecia com as consequências de viver sendo mulher, negra e pobre naquele país ainda escravocrata. Sabendo do impacto do conhecimento em sua vida, incentivou sua filha Celina e, posteriormente, seu neto Eloá, o primeiro homem após cinco gerações de mulheres, e o primeiro da família a ingressar e se formar no ensino superior. Eloá foi muito incentivado e apoiado pela avó Damiana: “-escute bem, menino, quem tem o conhecimento tem o poder!” (Cruz, 2018, p. 296). Como justifica Silva (2021):

a educação [...] articulava-se como um objetivo amplo que englobava a liberdade, o trabalho e a respeitabilidade da pessoa negra no país. [...] Essa vivência da educação formal conjugada com a experiência de homem negro numa nação ex-escravista é, por si só, um discurso político que ressignifica a educação enquanto locus de ação comunitária (Silva, 2021, p. 90).

Anolina-neta (Nunu) sofrera com a esquizofrenia, mas é considerada louca não por essa condição de sanidade mental, mas por se levantar contra a opressão e revidar o racismo de igual para igual: “Ser criança e ser louco outorgam ao indivíduo a permissão para emitir seu discurso e suas verdades” (Fagundes, 2019, p. 32). Ela é a principal fonte de lembranças da narradora, é a preservação da memória da história desta família. E, ainda que Nunu possa ter distorcido essas memórias por conta de sua doença, ainda assim representa alegoricamente o fato de que toda a história acerca da escravidão no Brasil conhecida é distorcida pela classe dominante, que preservou apenas o que convenientemente quis, sendo então, sua insanidade também outra forma de silenciamento.

A filha Celina sempre ansiava ser professora, e tanto sua mãe quanto sua avó fizeram de tudo para tornar o sonho realidade: “Elas se orgulhavam só de pensar em Celina formada como professora! Para Damiana, era o começo do que planejou a vida toda, a ascensão social por meio da educação” (Cruz, 2018, p. 257). Tornou-se a primeira professora da família, um resultado da perseverança de sua mãe, Damiana, porque seu pai, João Paulo, não aceitava a ideia da autonomia intelectual das suas filhas:

— Nenhuma das duas carece de escola! Não quero nenhuma das duas saracoteando na rua e essas escolas que não servem pra nada. Pra quê mulher precisa estudar, me diga? E ainda mais mulher preta! Vosmicê estudou com aquelas freira, sabe até palavra em francês e, olha aí, lavadeira letrada! — Debochou (Cruz, 2018, p. 245-246).

Celina passou a ser responsável pela administração da casa após o desaparecimento de seu pai, que levou as joias destinadas a custear seus estudos dadas pela avó. Eventualmente, teve que abandonar a profissão devido às incumbências como filha, irmã, esposa (mesmo com a ausência frequente de seu marido, Maneca) e mãe, sendo ela a responsável pelo nascimento do primeiro homem após as gerações exclusivamente femininas: “Eloá..., mas era nome feminino ou masculino? Ele passaria o resto da vida explicando” (Cruz, 2018, p. 287).

A forma mais significativa de emancipação foi pela educação formal, que afastou os trabalhos braçais e precários, começando com Martha, concretizando-se em Celina e culminando em Eloá, que se tornou juiz, uma profissão historicamente dominada pela elite branca brasileira: “Os estudantes de Direito, membros das boas famílias, [...]. No futuro seriam advogados, promotores e juizes. A justiça, sempre ela, naqueles caminhos” (Cruz, 2018, p. 197). Isso também reflete a questão de gênero

e, por isso, diferentemente das mulheres da família, Eloá teve a confiança para se posicionar de igual para igual com Emília Tosta, o que obviamente a incomodou:

— Parabéns, meu filho. A Nacional de Direito é muito difícil, muito conceituada.

— Muito obrigada, dona Maricota...

— A dificuldade não foi apenas para você, está claro? Todos os seus colegas também merecem felicitações.

Ele fez uma pausa, e os dois, por alguns segundos, examinaram-se. [...] e com um tom irônico que o caracterizaria sempre, não teve pudores em dizer o que pensava.

— Bem... no caso dos outros, dona Maricota... No caso de pessoas mais abastadas e poderosas eu não sei, mas no meu caso eu tinha que passar neste vestibular. Era isso ou isso. Não era uma opção (Cruz, 2018, p. 300-301)

Existe uma falsa impressão de meritocracia na transição do trabalho doméstico para o trabalho intelectual, todavia, essa mudança ocorreu tão somente devido à força de trabalho braçal dessas mulheres e a emancipação de tais atividades foi apenas para o homem e em âmbito individual, como é o caso de Eloá. Carneiro (2011) afirma:

[...] as atuais exigências educacionais para a alocação de mão de obra no mercado de trabalho formal não apenas conformam-se como um instrumento para a seleção dos profissionais mais qualificados, mas também operam como um filtro de natureza racial, definindo os que preferencialmente serão alocados. [...] é preciso, em primeiro lugar, admitir o que a experiência empírica e os estudos sobre as desigualdades raciais reiteram: negros com as mesmas habilitações que os brancos são preteridos em processos de seleção e, quando igualmente empregados, ganham menos pelo exercício das mesmas funções (Carneiro, 2011, p 106-108).

Ou seja, o mérito de alcançar uma posição em uma classe historicamente embranquecida e elitizada, como o de juiz de Direito, sendo um homem negro, não elimina a possibilidade de sofrer racismo, afinal, este está enraizado na sociedade brasileira.

Para chegarem no ponto dessa mobilidade social, houve muita resistência ao sistema por essas mulheres, principalmente no que tange à violência de seus corpos, visto que sobreviveram a múltiplas formas de violência — simbólica, sexual, doméstica, de gênero, de raça e de classe.

A RESISTÊNCIA AO SISTEMA

Retratar a saga de cinco gerações de uma família africana que chega ao Brasil durante o período de escravidão e centralizar o enfoque nas mulheres dessa linhagem revela uma história de resistência contínua frente à violência, opressão e adversidades. O título da obra, "Água de Barrela", simboliza tanto as dificuldades enfrentadas quanto a resiliência dessas mulheres, que utilizam os recursos disponíveis para melhorar suas condições de vida.

Ewa Oluwa enfrenta a brutalidade do sequestro e da escravidão, a retirada de sua identidade e a repressão de sua língua materna, mas ainda assim sua cultura é transmitida aos descendentes. Nesse contexto, a resistência é manifestada pela preservação da memória e das tradições africanas, um ato de desafio contra a tentativa de apagamento cultural imposta pelos senhores de escravos.

A primeira geração, representada por Anolina, enfrenta a violência cotidiana do sistema escravista. Em meio a esse ambiente hostil, ela busca por dignidade e sobrevivência, contando com a ajuda de Umbelina e Isabel. A formação de redes de solidariedade entre essas personagens é fundamental para a resistência, pois elas se ajudam mutuamente, compartilhando recursos, informações e apoio emocional. Esse senso de comunidade fortalece a resistência ao sistema, mostrando que a união é uma arma poderosa contra a opressão. Utilizando práticas ancestrais de seu povo e mantendo a identidade roubada, essas mulheres encontram força e resiliência para enfrentar as adversidades e lutar pela sobrevivência.

Martha, da segunda geração, cresce no período pós-abolição, quando a liberdade formal não se traduz em igualdade de oportunidades. A resistência aqui se manifesta na busca por reconstruir sua identidade e reivindicar seus direitos. A barrela, usada para limpar e purificar, torna-se uma metáfora para o esforço contínuo de limpar as marcas da escravidão e construir um futuro mais justo. A educação torna-se uma ferramenta essencial para essa mudança, pois questiona e desafia o sistema opressor, além de buscar maneiras de melhorar suas condições de vida. Outras atitudes tomadas por Martha também a tornaram chave crucial para o encaminhamento de novos rumos para a família. Um deles é a mobilidade da zona rural para a zona urbana, ao deslocar-se da chácara onde vivia com o esposo para

trabalhar nas ruas de Salvador, possibilitando assim o acesso da filha Damiana à escola e novas perspectivas de vida.

Na terceira geração, Damiana continua a luta por melhores condições de vida, enfrentando o racismo estrutural e as limitações impostas pela sociedade. Utilizando os poucos recursos à disposição, ela transforma a adversidade em força e inspira as gerações futuras. Dado que a frequência à escola de freiras estava sujeita a sua subjugação em relação as outras estudantes.

Celina, pertencente à quarta geração dessa família, encarna a perseverança de Martha. Ao completar seus estudos formais e se tornar professora, ela não apenas realizou o sonho acalentado por gerações, mas também marcou um ponto decisivo na trajetória de sua linhagem, representando a ruptura com os trabalhos braçais que antes definiram o destino de seus antepassados.

A preservação da história familiar, das lutas e conquistas, é essencial para a construção de uma identidade coletiva e para a continuidade da luta por justiça e igualdade. Cada geração, enfrentando suas próprias batalhas, contribui para a construção de uma narrativa de resiliência e coragem. Elas subvertem a narrativa dominante da história oficial que muitas vezes silencia essas vozes e resistem ao apagamento histórico, sendo protagonistas dos marcos da construção do que é o Brasil, ainda hoje. Todas as mulheres da família desafiam as normas sociais impostas ao exercerem sua autonomia e ao tomarem decisões sobre suas próprias vidas. Elas resistem ao controle e à subjugação, buscando maneiras de afirmar sua liberdade e dignidade.

Leal (2023) argumenta:

A diáspora, enquanto deslocamento de um sujeito de um local para outro, pensada em relação ao que ocorre no período da escravidão, é um processo em que há fragmentação do sujeito colonizado, resultando no estranhamento e no sentimento de não-pertencimento (Leal, 2023, p. 5).

Sendo assim, perpetuar e manter tudo o que condiz às raízes africanas da família, principalmente no que tange à memória é uma forma de resistência, afinal trará o sentimento de pertencimento.

No seu aniversário de 100 anos, observando o detalhe de todos os familiares presentes estarem vestidos de branco, Damiana reflete sobre todo o percurso até aquele momento ali presenciado. Já não era mais necessário usar água de barreira

para branquear as roupas, pois a resistência ao sistema opressor se projeta na manutenção das tradições. A religião da mãe, avó e bisavó permanece viva, mesmo que ela própria tenha se enveredado para o catolicismo. Damiana respeita o símbolo que aquele momento representa, reconhecendo a importância das práticas ancestrais e a força da herança cultural em sua trajetória.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar a obra “Água de Barrela” reafirma a necessidade de revisitar e revalorizar a trajetória literária e histórica das representações negras, com um enfoque particular nas mulheres, na literatura brasileira. Esta obra não apenas retrata, mas celebra a resistência e resiliência das mulheres negras ao longo de gerações, enfrentando a escravidão e as complexas opressões de gênero, raça e classe. Distanciando-se da tradição literária que, durante séculos, marginalizou e estereotipou personagens negras, a narrativa de Cruz reconfigura esse cenário, posicionando essas mulheres no centro da história como protagonistas de suas próprias vidas.

Essa transformação literária subverte as representações anteriores que limitavam as personagens negras a papéis subservientes e desumanizados, oferecendo, em contrapartida, uma crítica incisiva e reveladora à persistência do racismo estrutural e da desigualdade social. Através das lentes da educação, do trabalho árduo e da preservação das raízes culturais, as gerações de mulheres em “Água de Barrela” constroem uma identidade coletiva robusta, que não apenas resiste ao apagamento histórico e cultural, mas também se fortalece como um símbolo de luta contínua por justiça, igualdade e dignidade.

A obra se entrelaça profundamente com os princípios do feminismo negro, que desafia as narrativas dominantes ao dar voz e complexidade às experiências das mulheres negras no Brasil. Ao resgatar e humanizar essas histórias, Eliana Alves Cruz não apenas honra a memória dessas mulheres, mas também reivindica seu lugar central na construção da identidade nacional brasileira. O livro torna-se, assim, uma peça fundamental no movimento literário contemporâneo que busca redimensionar a compreensão da história e cultura afro-brasileira, sublinhando a contribuição inestimável dessas mulheres na formação de uma sociedade mais justa e antirracista.

REFERÊNCIAS

- ABDULLAH, Daud. *ECOS DA JIHAD FULANI NO BRASIL*. 2023. Disponível em: <https://www.monitordooriente.com/20230813-ecos-da-jihad-fulani-no-brasil/#>. Acesso em: 30 jul. 2024.
- BERNARDES, Cristiane. *O pioneirismo da consciência negra e feminista de Maria Firmina dos Reis*. 2020. Disponível em: <https://mariacobogo.com.br/o-pioneirismo-da-consciencia-negra-e-feminista-de-maria-firmina-dos-reis/>. Acesso em: 13 ago. 2024.
- BETTONI, Natalie Vanz. *Denúncias de trabalho escravo doméstico duplicam após lançamento de A Mulher da Casa Abandonada*. Folha de S. Paulo. São Paulo. 26 jul. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2022/07/denuncias-de-trabalho-escravo-domestico-duplicam-apos-lancamento-de-a-mulher-da-casa-abandonada.shtml>. Acesso em: 01 jul. 2024.
- BRASIL, Tv. *Lançamento do Trilha de Letras na Flup*. 2023. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CygsaSIJde6/>. Acesso em: 01 maio 2024.
- BRASÍLIA. FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. *Entrega do Prêmio Oliveira Silveira*. 2015. Disponível em: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/entrega-do-premio-oliveira-silveira>. Acesso em: 25 abr. 2024.
- CARNEIRO, Sueli. *Trabalho e exclusão racial*. In: CARNEIRO, Sueli. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2011. p. 106-108.
- CASA ABANDONADA EM HIGIENÓPOLIS: *Entenda o caso da mulher que vive em mansão de SP*. G1. São Paulo, 20 jul. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/07/20/casa-abandonada-em-higienopolis-entenda-o-caso-da-mulher-que-vive-em-mansao-de-sp.ghtml>. Acesso em: 06 jun. 2024.
- CRUZ, Eliana Alves. *Água de Barrela*. 7. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2018. 322 p.
- DUARTE, Eduardo de Assis. *Mulheres Marcadas: literatura, gênero, etnicidade*. Scripta, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 63-78, 17 dez. 2009. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4368>. Acesso em: 20 jun. 2024.
- FAGUNDES, Laís Ribeiro Durães. *ÁGUA DE BARRELA: vozes silenciadas que contam histórias*. 2019. 68 f. TCC (Graduação) - Curso de Letras – Português e Literaturas, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2020. Disponível em: <http://bd.centro.iff.edu.br/jspui/handle/123456789/2819>. Acesso em: 29 mar. 2024.
- FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, Dominique. *Movimentos feministas*. In: HIRATA, Helena; LABORIE, Françoise; DOARÉ, Hélène Le; SENOTIER, Danièle. *DICIONÁRIO CRÍTICO DO FEMINISMO*. São Paulo: Unesp, 2009. p. 144-149.
- GONZALEZ, Lélia. 2020. *Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos*. Rio Janeiro: Zahar. 375 pp.
- LEAL, Danielle. *A escrita da vivência feminina negra nos romances O crime do Cais do Valongo e Água de Barrela de Eliana Alves Cruz*. Tinta Journal, Santa Barbara,

Ca, v. 2, n. 2, p. 214-233, jan. 2023. Disponível em:
<https://tinta.spanport.ucsb.edu/digital-issues>. Acesso em: 03 ago. 2024.

LIVRARIA, Blooks. *Entrevista com a escritora Eliana Alves Cruz: primeiro ciclo blooks outras histórias do brasil: resistências e reparações*. Primeiro Ciclo Blooks Outras Histórias do Brasil: Resistências e Reparações. 2018. Disponível em:
<https://medium.com/blooks/entrevista-com-eliana-alves-cruz-d339656eb6bd>. Acesso em: 08 maio 2024.

LITERAFRO. *Eliana Alves Cruz: dados biográficos*. Dados Biográficos. 2022. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/1159-eliana-alves-cruz>. Acesso em: 01 maio 2024.

LITERANEGRA #033 - ÁGUA DE BARRELA. Roteiro: Messias Martins. S.I: Youtube, 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wTosE_Q02oQ. Acesso em: 18 jul. 2024.

MEURER, Ingrid. *Maria Firmina dos Reis*. 2023. Disponível em:
<https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/maria-firmina-dos-reis/>. Acesso em: 13 ago. 2024.

PRANDI, Reginaldo; VALLADO, Armando. *Xangô, rei de Oiô*. Estudos Afro-Brasileiros, Itanhaém, v. 3, n. 1, p. 437-530, jun. 2022.

PEREIRA, Danglei de Castro. *Maria Firmina dos Reis: uma voz em conflito*. In: REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula e outras obras*. Brasília: Edições Câmara, 2018. p. 7-10.

RIOS, Flavia; LIMA, Márcia. *Introdução*. In: GONZALEZ, Lélia. 2020. Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos. Rio Janeiro: Zahar. p. 6-18.

SANTOS, Mirian Cristina dos. *Formação, transgressão e rupturas na literatura negro-brasileira escrita por mulheres*. Cerrados: Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura, Brasília, v. 30, n. 57, p. 70-80, dez. 2021.

SILVA, Andressa Marques da. *Autoras de seus dias: escritoras negras e o ensino de literatura*. 2021. 300 f. Tese (Doutorado em Literatura) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

SILVA, Francisca Joziane de Matos. “A carne mais barata do mercado é a pele negra”: construção, representatividade e imobilização do corpo feminino em *Água de Barrela*, de Eliana Alves Cruz. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE LETRAS – CONIL, 6., 2023, Bacabal. Gênero, poder e linguagem - velhas estruturas, novos desafios na língua e na literatura. Bacabal: Ufma, 2023. v. 6, p. 27-41. Disponível em: <https://sites.google.com/ufma.br/anais-e-resumos-do-conil/publica%C3%A7%C3%B5es/anais?authuser=0>. Acesso em: 27 jun. 2024.

RIBEIRO, Lidice Meyer Pinto. *Yorubás e Malês: conflito e aliança no Brasil escravocrata*. Revista Lusófona de Ciência das Religiões, S.I, v. 19, n. , p. 185-204, 01 jun. 2004

QUILOMBHOJE. *Quilombhoje Literatura*. [20--?]. Disponível em:
<https://www.quilombhoje.com.br/site/quilombhoje/>. Acesso em: 01 maio 2024.